

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2303

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SÁBADO, 5 DE JUNHO DE 1926

A BATALHA

ALERTA ESTAMOS!

As arrojadas afirmações de alguns dos chefes revoltosos são sintomas de que uma camarilha ultramontana buscou aproveitar-se da situação e implantar em Portugal um regime de opressão e tirania.

“Só os ignorantes da História podem confiar-se num governo cesarista, de perseguições e ódios.”

Estas palavras, proferidas por um dos chefes da situação, perfilhamo-las sem reboço. Se os «ignorantes da História» persistirem nos seus desígnios, contem connosco:

O proletariado, o bode expiatório de todos os erros dos políticos, esfaimado e vilipendiado, levantar-se há do norte ao sul do país e escreverá com o seu sangue mais uma página na história das lutas em prol da Liberdade.

A NOSSA ATITUDE PERANTE OS ACONTECIMENTOS

Somos sindicalistas, não somos democratas. O nosso critério em face destes ou de outros acontecimentos políticos não pode ser o dum democrata sob pena de traírmolos os objectivos do operariado organizado. Para um democrata—destes democratas de vários tamanhos e feitios que pejam a vida política do Estado—o encerramento do casarão legislativo de São Bento constitui uma afronta à liberdade e a última das ignomínias que podem ser cometidas contra os direitos civis dum povo. A nós, sindicalistas, o encerramento do parlamento deixa-nos indiferentes. Deixa-nos indiferentes, porque não nos interessa a luta que se trava entre os diferentes grupos políticos que disputam a posse do poder—do poder que exerce sobre nós grandes vexames e grandes violências.

Consideramos a situação política em que António Maria da Silva predominou uma autêntica ditadura. Os actos desse político cometidos contra o espírito das leis burguesas e contra os próprios princípios de humanidade, que estão muito acima das leis e são mais respeitáveis do que elas, provar-nos-iam—se outras experiências o não tivessem feito—que o parlamento não constitui um entrave às tiranias e às violências dos governos.

Fomos nitidamente contra a ditadura do sr. Silva—contra essa ditadura de parlamento aberto. Somos igualmente contra a ditadura de parlamento fechado. Entre ditaduras não estabelecemos distinções. Que importa que elas sejam exercidas por militares ou por civis, por reacconários ou liberais? Seria a suprema degradação para a vítima a escolha do carrasco que a há de tirar.

As liberdades de reunião, de associação e de pensamento foram conquistadas pelo povo. Representam um passado de lutas heroicas, que não deve ser leviana ou brutalmente calçado aos pés pelo capricho dum homem, quer ele envergue uma farda quer vista o comum e vulgar *paletot* ou use qualquer ridícula e grotesca rabeira. Qualquer situação política que as suprima afronta a classe trabalhadora e só desta tem a esperar uma atitude—a guerra declarada.

As classes trabalhadoras vivem em circunstâncias económicas vizinhas da miséria e entre elas classes há que vivem sofrendo as piores inclemências. Mas, conquistaram determinadas regalias—regalias que elas encarnadamente defendem e de que não abdicarão em proveito de alguém cu de alguma coisa.

Coerentes com esta orientação julgamos os políticos não pelas suas ideias, mas pelos seus actos. As classes operárias não são caprichosamente, por interpretações subitas da casuística política, pelo político A ou contra o político B. São contra todos os políticos que as afrontem, que as vexem, que as persigam e que as tiranizem.

As classes trabalhadoras só têm uma política—a política dos seus interesses legítimos, das suas justas regalias e das suas lidas reivindicações.

Os chefes do último movimento continuam afirmando categoricamente que não querem uma ditadura militar. Registamos esta afirmação, tantas vezes quantas ela for repetida. Não nos fiamos em promessas, porque estamos habituados a ver os de cima renegarem com os seus actos, da maneira mais cínica, as suas mais perentórias afirmações e os seus juramentos mais solenes. E porisso aconselhamos o operariado a estar vigilante para que não seja esmagado por algum golpe de audácia. Se o não fizer, mais tarde a sua consciência ficará sobrecarregada por um grande crime.

Apareceu, há dias, no monárquico *Correio da Manhã*, uma proclamação do Exército ao país. Não sabemos se ela é verdadeira ou apócrifa; sabemos apenas que ela ainda não sofreu até hoje o menor desmentido.

Nessa proclamação afirma-se que «o operariado português, livre e pacificamente organizado, cooperará com o governo, terá seu legítimo quinhão de bem estar e representação de acordo com as modernas tendências do sindicalismo orgânico.»

E' já velha a pecha de aparecerem pessoas ou colectividades a quererem dar conselhos ao operariado ou a dele se arvorarem mentores. O operariado dispensa ambas as coisas: os conselhos e os mentores. Também pouco quer cooperar com os governos. O operariado reclama, e disso não abdica, a liberdade de se associar para a defesa dos seus interesses e das suas máximas aspirações. Sem cooperar com os governos, nem colaborar com os capitalistas. Nada tem com uns filósofos de meia tigela, que pretendem arrastar as classes trabalhadoras para a gaiola dourada da monarquia integralista. O tal sindicalismo orgânico de que fala a proclamação, verdadeira ou apócrifa, do Exército engloba no mesmo sindicato os patrões e os operários. Repelimos como afrontosa e indigna semelhante colaboração. Queremos viver como até hoje—e não como o pretende a mão anónima que em nome do Exército traçou tão venal e integralista ameaça. De resto esse sindicalismo além de absurdo na sua teoria seria impossível na prática e as classes trabalhadoras não se prestariam à ridícula comédia do tal sindicalismo orgânico que agora aparece em nome dos habitantes das casernas.

Confederação Geral do Trabalho

Reúne na próxima segunda feira, pelas 21 horas, o Conselho Confederal.

Invocando a memória de Miguel Bakunine

Proclama-se que a acção e o pensamento do excepcional precursor revolucionário sejam gloriosamente comemorados pelo proletariado de todos os países

No dia primeiro do mês de Julho próximo, comemora-se o cinquentenário da morte de Miguel Bakunine, um dos homens mais notáveis do movimento operário internacional. As suas ideias e a sua acção na luta emancipadora do proletariado ainda existem e não são todavia apreciadas em todo o seu valor.

O movimento operário reformista é hoje, como noutro tempo, hostil à ideologia revolucionária, federalista, contra o Estado, do grande Bakunine. A memória do maior propagador das táticas revolucionárias colectivas, ou melhor enterrada no passado, ou, sendo impossível, diminuída.

Essa circunstância impõe-nos o dever de indicar—à parte revolucionária do proletariado internacional e o grande significado de Bakunine para o desenvolvimento do movimento sindical libertário. Particularmente, a Associação Internacional dos Trabalhadores considera seu dever, no cinquentenário da morte de Bakunine, exortar a uma comemoração internacional.

Foi justamente Bakunine que fez desenvolver no seio da primeira Internacional as ideias do socialismo e do federalismo anti-autoritário, que se expressam actualmente nas organizações operárias revolucionárias de diversos países, aderentes à Associação Internacional dos Trabalhadores.

A extraordinária personalidade de Miguel Bakunine

Miguel Bakunine, que descendia da alta aristocracia russa, dedicou a sua vida inteira à Revolução Social. Em todos os levantamentos que se produziram no seu tempo, se distinguia. Em muitos levantamentos foi a alma e o centro. Foi perseguido e odiado pelos governos e pelos Estados. Sentiu todo o peso da vingança da reacção na sua própria carne: foi condenado à morte várias vezes, transferido de prisão a prisão, até que finalmente foi entregue ao tatarismo russo, que o teve encarcerado durante seis anos no espantoso Schlisselburg de S. Petersburgo, antes de desterrá-lo para a Sibéria.

Nada, porém, pôde dobrar esse carácter firme e heroico. Escapou do desterro e lançou-se outra vez no movimento revolucionário da Europa. Enquanto que os seus antigos camaradas se haviam atemorizado deante dos golpes vibrados pela reacção, abandonando a luta, Bakunine continuou a lutar. Onde quer que tivesse de lutar, batalha pela causa dos oprimidos, encontrava-se ele no primeiro posto. Porisso, Bakunine simboliza a personalidade ideal do lutador inquebrantável, que na própria velhice conservava uma juventude ardorosa, sua firmeza de ideias sobre a revolução social. E isso fez que Bakunine, para todas as épocas, se tornasse luminoso exemplo de psicologia revolucionária.

Se tal bastasse para honrar a memória de Bakunine e rememorar elevadamente o aniversário da sua morte, nós, que somos da Associação Internacional dos Trabalhadores, teríamos razão especial para pensar no nosso grande combatente.

Miguel Bakunine não foi somente um lutador revolucionário; foi igualmente a maior e a mais alta personalidade da Primeira Internacional na luta contra as pretensões centralistas e contra o estagnamento parlamentar do movimento operário, defendidos por Karl Marx e pelo conselho geral da Internacional, opondo-lhes Bakunine a independência de todas as organizações revolucionárias de luta do proletariado, a sua agrupação federalista e de acção revolucionária directa como método de luta. Numa época em que o movimento operário se encontrava no início da sua evolução, compreendeu logo Miguel Bakunine que o poder político unicamente prejudicaria a acção emancipadora da classe operária e, por consequência, as organizações operárias não deveriam aspirar à conquista desse poder, antes deveriam tentar destruí-lo.

Assim pensando, não viu Bakunine na chamada ditadura do proletariado um recurso para a emancipação da classe operária nem uma rota para o socialismo. Era uma forma de governo muito mais perigosa porque desviava e iludia a massa operária. O Estado e os governos foram combatidos por ele por ser uma organização vindo de cima para baixo, própria para jugular a massa e para manter uma burocracia, e

nunca para a luta emancipadora do operariado. Em seu lugar, proclamou as federações livres de todos os agrupamentos de produtores, uma forma de organização baseada no auxílio mútuo e na igualdade e porisso garantindo a emancipação política e económica da classe operária.

Já na Primeira Internacional, Bakunine defendeu essas ideias. Pelo conselho geral dirigido com centralismo por Karl Marx, que pretendia forçar as diversas secções ao reconhecimento da tática parlamentar, foi imiscuido na Internacional um motivo de escisão.

Quem são os sucessores doutrina-rios do grande internacionalista

Miguel Bakunine foi combatido violentamente, caluniado, procurando-se desacreditar as suas ideias, a todo o custo. Arri-vistas políticas entregaram-se à conquista do poder político nos parlamentos burgueses. Por desgraça, conseguiram iludir a grande massa e desviá-la da luta de classes. As consequências foram a corrupção e o estagnamento do movimento operário.

Os partidos social-democratas aliam-se ao capitalismo, ao nacionalismo e ao Estado e incitaram os trabalhadores de diferentes países a matarem-se, entre si, para servir interesses estranhos. Essa vergonha inapagável na história do movimento operário não foi possível sem que se voltassem as costas às ideias e aos métodos de luta de Bakunine, preferindo o parlamentarismo à acção revolucionária, o centralismo ao federalismo, a afirmação do Estado ao anti-estatismo.

No campo dos socialistas de Estado desenvolveram-se rapidamente duas tendências: a social-patriótica e reformista e a radical, ou comunista, esta última revestindo-se na Rússia da designação de bolchevismo. Ambas pretendiam ser as verdadeiras continuadoras de Karl Marx e, na disputa que se desenrolou entre elas, os social-democratas supunham que não haveria injúria maior para os seus adversários bolchevistas que a qualificação de bakunistas, não hesitando em diminuir a sua memória e em falsar as suas ideias.

Por isso, no oportuno, portanto, resistir por ocasião do cinquentenário da morte de Bakunine às falsas interpretações das suas doutrinas.

Os bolchevistas russos não são de forma alguma os sucessores de Bakunine; são marxistas, tal como os seus adversários social-democratas. A conquista do poder de Estado e a proclamação da ditadura correspondem integralmente às doutrinas de Marx.

Bakunine foi um inimigo declarado de toda a conquista de poder político e de todas as ditaduras. E a experiência histórica deu-lhe razão. Na Rússia soviética não existe hoje nem liberdade política nem a menor aproximação da igualdade económica. Em troca, os partidários de Bakunine, revolucionários sempre, são aprisionados, perseguidos, expulsos.

Se a ala radical do marxismo naufragou, a revolução social foi completamente arrastada por essa doutrina, como o demonstra qualquer análise à social-democracia na Alemanha, Austria, França, Dinamarca, Inglaterra, etc. Assim, no decurso da história, na grande luta entre Bakunine e Marx, quer dizer entre federalismo e centralismo, estatismo e anti-estatismo, parlamentarismo e acção revolucionária, partido político e organização económica revolucionária, se demonstrou a exactidão das opiniões de Bakunine.

A participação nas corporações legislativas da actual sociedade, a conquista do poder político no Estado, o exercício da ditadura, não levam o proletariado à vitória. Essa vitória será produto da acção revolucionária contra todos os partidos burgueses ou legalistas, com o seu centro de gravidade na solidariedade nacional e internacional das organizações económicas independentes dos trabalhadores.

Que o espírito de Bakunine faça reviver a energia do movimento operário

Um mérito de Bakunine foi haver introduzido, primeiramente, na Internacional, as ideias do federalismo, da abolição da

Um feixe de notas dos acontecimentos

Um episódio cómico-integralista no campo da aviação

Parece uma historietta, mas não é mais que um simples relato do *Diário de Lisboa*, daqueles relatos que são editados muitas vezes, ao mesmo tempo.

Houve um copo de água oferecido ao general Gomes da Costa. Houve a solenidade costumada nestes momentos. Houve efusão de *champagne* e de saudações. Houve um orador que disse: «— Desconfie, general, de muitos dos aplausos com que o festejam por aí.»

E também houve um estudante que se chegou ao general. Levava uma carta que não quis ler; mas o general, após os cumprimentos, disse:

— Leia, peço-lhe. Eu já tenho a vista cansada.

O estudante, que se chama Gregório Cassapo, acasapou-se e pôs-se a ler a carta. Assim julgava o pobresinho que a causa dos integralistas, da qual se fazia êmulos, viria a ganhar imenso com o seu nobre gesto.

Em nome da mocidade integralista, D. Gregório Cassapo, na presença do comandante Cabeçadas e dos oficiais que pensavam coisa em contrário, desandou a aconselhar a ditadura ao general Gomes da Costa. E o pobresinho foi prodigioso em citações de Maurice Barrès, o símbolo do reacconarismo de moda francesa. Ora escutem-nos:

— V. Ex.ª comete um erro conciliando o Poder com o comandante Cabeçadas que a todo o custo pretende salvar a ordem constitucional.

Até então, os protestos dos operários vinham sendo murmurados. Mas o afortunado do doutor em integralismo passava os limites da correção. E houve um clamor unânime:

— Não apoiado! Fora a intriga! Fora!

Um oficial, indignado ao rubro, intimou:

— Não consentimos que leia mais!

Condescendentemente, o general Gomes da Costa refoz a impaciência dos oficiais. E D. Gregório Cassapo pôde levar a leitura até final, não sem que um dos protestantes exclamasse, carregando nas sílabas:

— Mas qu'apo me saíu este Gregório...

E o heroico integralista pronunciou a última frase:

— É indispensável que v. ex.ª esteja, não acima de todas as leis, mas acima de todos os portugueses!

E D. Gregório olhou a assistência esperando tê-la comovido. Mas Gomes da Costa foi severo como um professor:

— Sei bem que procuram arrastar-me para o campo da ditadura; sei bem que a especulação e a intriga pretendem inutilizar o meu esforço e o esforço de quantos colaboram numa obra de redenção patriótica. Mas sou um homem consciente e por isso vos garanto:

— Não sou ditador, sou soldado apenas! Não quero ser ditador! Não o serei! Não preciso de copiar o general Primo de Rivera para cumprir a missão que nos impõem. Não me abala a intriga, não me vence a sanha dos especuladores! Quero trabalhar de inteiro acordo com o comandante Cabeçadas; quero estar sempre com ele na obra de salvação nacional que vamos encetar como o estive nas horas incertas da luta!

Nestas palavras se surpreende a intriga que os mocinhos imberbes do integralismo

propriedade privada da terra e dos meios de produção e sua entrega à sociedade, assim como a sua utilização pelas organizações económicas dos trabalhadores. Como nenhum outro, Bakunine soube chamar a atenção para o grande significado da propaganda anti-religiosa. Era adversário de toda a acção política que não tivesse por fim imediato e directivo o triunfo da classe operária contra o capitalismo.

Todas as funções técnico-administrativas necessárias nas sociedades humanas devem ser arrancadas aos governos e aos Estados e exercidas depois pelas associações económicas livres. Como adversário do Estado, era Bakunine propulsor da organização internacional das uniões económicas livres de todos os países. Em relação aos métodos de luta do proletariado consciente, assumiu Bakunine um critério que hoje está reconhecido pelas facções mais avançadas do movimento operário. Já, então, Bakunine compreendia que a resistência das organizações operárias ao capitalismo e ao Estado por meio da greve em maior ou menor escala fortalecia a consciência de classe do proletariado, preparando-o para a revolução social.

Eis a herança legada a nós por Bakunine. Como se verifica facilmente, nos pensamentos do notável revolucionário encontram-

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 950; Província, 3 meses 2850; África Portuguesa, 6 meses 7050; Estrangeiro, 6 meses 11050.

A atitude de Ferreira do Amaral

O sr. Ferreira do Amaral, em face dos acontecimentos, tem assumido há dois dias uma atitude que origina inúmeros e descontraídos comentários. Acerca do telegrama enviado ao quartel general da Amadora—sem dúvida ao general Gomes da Costa—e a pesar das reservas que ocultam os pormenores, dizia-se ontem o seguinte:

De facto, o sr. Ferreira do Amaral comunicou ao general Gomes da Costa o desagrado de várias personalidades militares por verem que o movimento militar está servindo os fins dos inimigos do regime republicano e dos princípios da revolução.

Gomes da Costa respondeu que o movimento é nacional republicano, que nunca se afastará dos seus objectivos, e que não serão cercadas em nenhum caso as liberdades públicas. Depois, afirmou que inutilizara todas as intrigas.

Os incidentes à volta da atitude do sr. Ferreira do Amaral rompem naturalmente as reservas que se procura manter. Consta, agora, que o comandante da polícia vai pedir a demissão do seu cargo, ou pelo menos, vai sugerir a quem considera de direito a conveniência da sua demissão.

Na Amadora, dizia-se que os restantes oficiais da polícia acompanham a atitude do sr. Ferreira do Amaral.

Vai ser eleito imediatamente o presidente da República?

A *Tarde* de ontem publicava a seguinte notícia, que nos permitimos transcrever integralmente:

«Consta-nos que se tem feito sugestões junto dos dois chefes militares do movimento revolucionário para, a exemplo da Polónia, se eleger já o novo presidente da República.»

A este assunto não deve ser estranha a visita, hoje efectuada, ao sr. Embaixador da Inglaterra pelo major sr. Loureiro.

O corpo diplomático e o movimento

De fonte autorizada, dizia a *Tarde* de ontem saber «que o sr. embaixador do Brasil, decano do Corpo Diplomático acreditado em Lisboa, na ausência, por doença, do Nuncio Apostólico, pensa que nenhum motivo há para que as outras nações tenham de reconhecer o novo governo português, visto que o comandante Cabeçadas foi constitucionalmente nomeado presidente do ministério, tendo recebido esses poderes directamente das mãos do sr. presidente da República.»

O novo ministério

Tomaram ontem posse em Belem, pelas 18 horas, os ministros dos estrangeiros, instrução, justiça e marinha, respectivamente os srs. general Carmona, Mendes dos Remedios, Manuel Rodrigues e comandante Jaime Afreixo.

O sr. Dr. Oliveira Salazar não aceitou a pasta das finanças devido ao seu estado de saúde.

O sr. Ezequiel de Campos que tinha sido convidado para aceitar as pastas da agricultura e do comércio apresentou como

se já todos os elementos das ideias e dos métodos de luta hoje expressos na A. I. T. A todos nós importa seguir o exemplo de Bakunine e conservar uma fé inquebrantável na revolução social. Fazamos a promessa de continuar a luta pela abolição do salário e do Estado até a vitória final da classe operária.

A conferência do secretariado administrativo da A. I. T., que se reuniu em Maio último, resolveu extoriar todas as organizações aderentes a rememorar o grande precursor, no cinquentenário da sua morte, por meio de edições especiais de imprensa, por meio de escritos e artigos dedicados a Miguel Bakunine.

Além disso, as organizações aderentes incitarão os sindicatos locais à organização de actos comemorativos de Bakunine.

A conferência do secretariado administrativo da A. I. T. está convencida de que justamente o espírito revolucionário e libertário de Miguel Bakunine está sendo invocado para redimir o movimento operário da sua actual impotência e preparar-lhe novos caminhos para a revolução social. Que esse espírito reviva nas massas operárias de todos os países!

O Secretariado Administrativo da Associação Internacional dos Trabalhadores

condição um «programa mínimo» por ele elaborado. Os chefes do movimento aceitaram essa condição.

Um esclarecimento: O sr. dr. Mendes dos Remedios teve ha tempos um conflito com os poderes constituídos por ter sido favorável à aprovação da famosa tese «Lourdes e a Medicina».

Um capricho do general Gomes da Costa

A anunciada parada militar vai realizar-se amanhã. Dez mil homens, representando todas as unidades militares do país, entrarão em Lisboa através do general Gomes da Costa.

Sobre a organização dessa parada conferenciaram ontem na Amadora os generais Gomes da Costa e Bernardino Faria, tenente coronel Matias de Castro e maiores Passos e Bento Frayre de Azeiteiro, que a parada se celebraria entre o Campo Grande e a Avenida da República e que o general Gomes da Costa e o comandante Cabeçadas, deitro de um automóvel, passariam revista às forças. Depois foi modificado o programa. O general julgou mais magestoso entrar em Lisboa a cavalo, à frente das tropas, e ir juntar-se depois ao comandante Cabeçadas que numa tribuna assistiria ao desfile das tropas. E assim se resolveu, porque a vontade do general é soberana...

Agora uma pergunta: quanto custará ao povo este capricho do general Gomes da Costa?

Uma «gaffe» arreliadora

Quando da nomeação do comandante Armando Ochoa para o triunvirato militar do Cordeiro da Manhã, apressou-se a combater essa nomeação, pretextando a sua atitude no facto daquelle official ter responsabilidades ligadas a actos de má administração nos Transportes Marítimos do Estado. Afinal verificou-se que o comandante Ochoa está liberto da responsabilidade que lhe foi atribuída. Quem não ficou muito satisfeito com a «gaffe» foi o órgão monarchico que ontem, à guisa de penitência, já dizia que o comandante Ochoa é um official distinto, etc, etc.

Este movimento sempre nos tem fornecido admiráveis episódios...

A divisão naval chega amanhã a Lisboa

Recebeu-se ontem no ministério da Marinha um rádio dizendo que a divisão naval de cruzadores largava ontem do Funchal para Lisboa, onde conta chegar amanhã.

Uma declaração do general Sinel de Cordes

O general Sinel de Cordes, a propósito dos boatos sobre a tentativa de implantação da monarchia, fez ontem aos jornalistas a seguinte declaração:

«Quando entrei para o movimento tomei o compromisso como todos os officiaes de que as instituições republicanas seriam mantidas através de tudo».

Officiaes que se afastam dos partidos onde militavam

Uma das afirmações do general Gomes da Costa que maior sensação produziu foi a de que todos os officiaes do exercito perderiam os seus direitos politicos. A grande maioria dos officiaes não recebeu bem a noticia. Sempre militaram nos partidos politicos e não se dispõem a alienar esse direito. Já assim não pensaram os coronéis Xavier Pereira e Teixeira, filiados, respectivamente, no Partido Radical e no Partido Republicano da Esquerda Democrática, que acabam de se afastar dos referidos partidos, gesto que causou uma desagradável impressão nos meios militares.

O Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos e a nomeação do novo administrador

Uma comissão delegada da Associação do Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos procurou ontem, na Amadora, avistar-se com os chefes do movimento revolucionário, a fim de apresentar-lhes uma nota de reclamações da sua classe e significar o seu ponto de vista na nomeação do novo administrador dos Correios e Telégrafos. Recebeu pelo general Gomes da Costa, este prometeu que perfilharia as referidas reclamações e influiria junto do ministro do Comércio para a sua acção.

A comissão fez sentir ao sr. Gomes da Costa que o pessoal menor dos correios não só é alheio à indicação de alguns funcionários daqueles serviços publicos para o lugar de que foi exonerado o sr. António Maria da Silva, como, a bem da harmonia que deve existir entre todos os empregados dos correios e telégrafos, entende que mais conviria que o governo nomeie para aquele cargo, que é de confiança politica, algum alheio a qualquer serviço, que possa administrar com imparcialidade.

Esta resolução, afirmaram os comissionados, é ainda tomada coerentemente com a orientação sindicalista daquela classe, orientação que não aceita a colaboração de classes.

Os reaccionários de Portalegre estão radiantes com o movimento militar

PORTALEGRE, 3.—Aqui como em toda a parte o assunto do dia é a revolta militar. Nesta cidade quando não tivesse havido qualquer movimento de rebelião por parte da guarnição aqui aquartelada, nem porisso deixou de se notar um certo nervosismo por parte da officialidade.

A população operária, em face de tudo quanto se tem passado e massacrada por uma crise verdadeiramente pavorosa, tem sido simplesmente indifferente a toda esta mudança de scena no tablado da politica portuguesa; outro tanto não poderemos dizer daqueles que accorados atrás do nefasto partido monarchico, se tem refestelado farta e desmedidamente, pois esses conhecedores do mal que tem feito e recordando do exemplo de Sidónio Pais, por toda a parte chorar a sua desdita e dão largas ao seu ódio.

Por aqui, de há muito que este movimento era esperado, pois que este estado de coisas de forma alguma podia continuar, a não ser que ante o alheamento e grau de atraso da familia operária se quizesse e aos poucos ir desaparecendo.

Como todos, temos a impressão de que a situação monarchica negativa que essa sinistra figura de António Maria da Silva impunha, pouco ou nada se deve ter modificado com uma situação desfavoravelmente militar, no entanto ella talvez fosse um bem,

porque ao menos e caso este governo falhe, como estamos certos hão de falhar todos os governos burgueses e estaduais, a lenda do poder militar terá e duma vez para sempre caducado.

Quem desde os primeiros dias bate palmas de contente e se mostra verdadeiramente satisfeito é a reacção. Para ella, que desde há muito se impõe, aqui governa e dá ordens, o movimento Gomes da Costa é um movimento puramente católico e do qual sairá a personalidade jurídica da igreja e o ensino religioso nas escolas. Mas, se assim for nem só ao governo militar pertencem as culpas, pois que esses politicos reles e esmiomeados de todos os partidos convencidos de que a ignorancia e o fanatismo é a melhor manciã de garantir a submissão do povo, têm dado à igreja a maior liberdade possível; para escarnecer e cumulo do seu atrevimento o próprio commissário de policia é, além dum monaquico confesso, um padre principiante.

A soldadesca na sua maioria oriunda da Beira Baixa, região onde o padre exerce maior influencia no espirito daquelle pobre gente, à partida para a concentração no Entroncamento ia radiante e esperando de que meteria na... ordem os boixevistas de Lisboa. A officialidade, em tudo mais instruída e educada mas certamente sofrendo os mesmos defeitos de educação, também mostravam a sua vontade de meter na... ordem tudo e todos aqueles que, possuidores dum cérebro livre, não desejam novos senhores do castelo, mas nós simples saloios provincianos confiamos absolutamente na intelligencia, acção e actos dos nossos camaradas da capital, pois que de contrario tudo cairia num marasmo em tudo mais perigoso que o do consulado silvestre.

Uma vez mais confiamos na acção da familia trabalhadora pois estamos certos que uma vez mais ella se mostrará forte, unida, isto para que a malta reaccionária que, por aqui já começa a arreganhar o dente tenha que de novo recuar.

A hora que escrevo ainda não foi substituído o tal Commissário de Policia nem tampouco o illustre desconhecido governador civil, que para aqui exportaram, mas a todo o momento se espera essa substituição se bem que ella desagrada a formignia local que, sentindo partir-se as bordas do assuacireiro, se mostra dumha actividade só comparada a quando nos meteram na cadeia como elemento perigoso e dissolvente.—C.

Notas várias

Segundo um jornal da noite o general sr. Sinel de Cordes vai seguir o exemplo do tenente-coronel sr. Raúl Esteves, pedindo também a sua demissão de official do exercito e desligando-se do actual movimento.

—Foi indigitado para chefe do gabinete do ministro da guerra o major aviador sr. Sarmiento de Beires.

Comité de Defesa Proletária

Perante os acontecimentos revolucionários torna-se necessário que o operariado de Lisboa pauté a sua posição.

Todos os jornais têm deixado transparecer as varias manifestações de sympathia dos chefes do movimento militar pelo operariado.

Também no início do Dezembroismo ninguém advinharia o que à organização operária estava reservada. Contudo foi no consulado de Sidónio Pais que se efectuaram as primeiras deportações sem julgamento, infamia esta mais tarde praticada pelo Partido Democrático, reduto onde se acoitam todos os «campeões da democracia».

Porisso é natural que, enquanto os militares não arrumarem a casa, atirem bonitas frases de sympathia pelo operariado. Depois o operariado será esquecido, porque alguns satélites dos chefes do movimento têm outros intuitos que nunca se harmonizarão com os objectivos da classe trabalhadora.

O operariado, alheio aos partidos burgueses, tem, todavia, recebido agravos e perseguições de todos elles. Por isso quando há dias um dos chefes do movimento revolucionário afirmava «que os politicos monarchicos e os politicos republicanos são a mesma canalha», o operariado não ficou surprehendido com a afirmação porque há muito tempo que já assim pensava.

Esse é o principal motivo porque, neste momento o operariado é alheio a todas as lutas politicas, algumas com interesses inconfessáveis. O operariado deseja o máximo respeito pelas suas liberdades, aliás bem poucas, pois que ve-las aumentadas e não restringidas.

Para que o operariado possa afirmar este pensamento temo Comité de Defesa Proletária enviado todos os esforços para que o próximo comício resulte uma manifestação imponente, demonstrativa da consciencia de uma classe que sabe o que quer e para onde vai.

Nada de ditaduras de liberdade! Nada de ditaduras militares!

Na proxima semana realizar-se-há o grande comício para o qual vai ser editado, por este Comité, um manifesto convocatório.—O Comité.

A pacificação...

PARIS, 4.—O general espanhol Jordana, actualmente em Paris, teve uma entrevista com o ministro dos negócios estrangeiros, acerca dos problemas que devem ser resolvidos entre a França e a Espanha para a pacificação do Riff.—(H).

Incêndio

Ontem, pouco depois das 13 horas, declarou-se incêndio num quarto do sótão do segundo andar, da Travessa da Amoreira, n.º 3, à Pampulha, residencia de António Augusto Lopes.

O incêndio destruiu camas, roupas, mobília e parte do madeiramento da propriedade. O incêndio foi provocado por uma brincaadeira de menores com fósforos. Comparceu material e pessoal dos Bombeiros Municipais, sendo o fogo em breve extinto.

Teatro da Trindade

HOJE HOJE

A ALEGRE COMÉDIA

O HOMEM DAS 5 HORAS

nos principais papéis

LUCILIA SIMÕES,

ERICO BRAGA, J. ALMADA,

AMELIA PEREIRA

e SAMUEL DINIS

DESPORTOS TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Natação

A Direcção da Delegação de Lisboa da L. P. A. N., mandou imprimir um pequeno e interessante livro onde, além do calendario de todos os desaios de «water-polo» e campeonato de natação, publica as regras do jogo de «water-polo», conselhos dos arbitros, tabela de marés, tabela de «records» olimpicos, mapas para fazer a classificação das provas de fundo que se realizam em Lisboa, mapas para a classificação do campeonato de «water-polo», indicações aos clubs e nadadores dos regulamentos em vigor e tantas outras de interesse para os que se dedicam à natação.

Bemfica contra Boavista em benefício dos Bombeiros Voluntários da Ajuda

Visita-nos ainda esta semana o grupo portuense Boavista Foot-Ball Club, que da melhor vontade accedeu a participar da festa em benefício da Bemfica Associação dos Voluntários da Ajuda, que se realizará amanhã em Palhavã. Contra o Boavista jogará completo o «onze» do Sport Lisboa e Bemfica, o «time» mais popular de Lisboa.

Bemfica e Boavista disputarão no seu jogo a «Taça Voluntários da Ajuda».

Esta benemerita agremiação conseguiu da commissão organizadora da «Taça Alvaro Gaspar», a amável transferencia dos dois jogos do campeonato infantil que estavam marcados para às 10 e 11,30 em Palhavã para às 14,30 e 16 horas. Esses jogos são Imperio-Caracavelhos e Bemfica-Operário.

O encontro Bemfica-Boavista realiza-se às 17,30. Hoje mesmo serão postos à venda os bilhetes para estes jogos.

Uma festa desportiva no Campo da Sociedade Aliança

A'manhã no campo da Sociedade Aliança em Campolide effectua-se um festival desportivo em homenagem a Manuel Fonseca com o seguinte programa:

A's 13,30, Amoreiras F. C. contra Marítimo F. L. (Taça Aliança); Onze Santamarense contra Onze Bom Sucesso, (Taça Liberto dos Santos). A's 17,30, Onze Belesense contra o Sporting Club Lisbonense «Sempre Fixer», (Taça Augusto Silva).

Hipismo

No domingo, é o último dia da Reunião da Primavera no «Jockey Club».

Terminam no domingo as corridas de cavalos organisadas pelo «Jockey Club» que vieram dar um novo e brilhante impulso ao hipismo em Portugal.

O programa de domingo é o seguinte:

1.ª corrida — «Elvas», 1.500\$00 ao primeiro, 200\$00 ao segundo, 100\$00 ao terceiro, 40\$00 ao quarto. Inscricao 45\$00. Plana. Distancia 2.000 metros, aproximadamente. Para cavalos e eguas com cruzamento de arabe nascidas em Portugal.

2.ª corrida — «Santos Jorge» («derby» dos Orientais): 4.000\$00 ao primeiro, 400\$00 ao segundo, 150 ao terceiro. Inscricao 120\$00. Para cavalos inteiros e eguas-árabes e seus derivados nascidos em 1923. Peso: 56 quilos. Plana. Distancia 2.400 metros aproximadamente.

3.ª corrida — «Premio da Câmara Municipal»: 5.000\$00 ao primeiro, 500\$00 ao segundo, 250\$00 ao terceiro. Inscricao 150\$00. Para cavalos e eguas de todas as origens e procedências. «Handicap». Plana. Distancia 1.800 metros aproximadamente.

4.ª corrida — «Premio do Comércio de Lisboa» («Grande» «steep-chase»): 4.000\$00 ao primeiro, 400\$00 ao segundo, 200\$00 ao terceiro. Inscricao 120\$00. Para cavalos e eguas de todas as origens e procedências. Peso 4 anos, 64 quilos; 5 anos 71 quilos e meio; 6 ou mais anos, 75 quilos e meio. «Steeple-Chase». Distancia 4.500 metros, aproximadamente.

Futebol

O Belenenses resolve ir ao Pôrto disputar a final do Campeonato

Está definitivamente assente que se realizará amanhã, no campo do Arsenal, no Pôrto, a final do Campeonato de Portugal, tendo já partido para ali o Marítimo, do Funchal. O Belenenses deliberou, em face das providencias tomadas pela Federação no sentido de obstar a pratica de algum descalço, como ontem noticiámos, sobre-estar nas suas primeiras resoluções e ir ao Pôrto, disputar com o campeão do Funchal, o titulo de campeão de Portugal em futebol. Embarcará para o effeito, no rápido da tarde de hoje.

TIVOLI

Telefone N.º 5474

Às 21 horas

PENÚLTIMA EXIBIÇÃO A CAÇADORA

«Film» de aventuras em seis partes com Coleen Moore

AMOR E CARBURADOR

Cine comédia em seis partes. Encenação de Pierre Colombier com Paulette Berger e Alice Tissot

UMA CINE-FARÇA

Uma revista de actualidades

A'manhã: MATINÉE ÀS 3 HORAS

TEATRO NACIONAL

HOJE, em 4.ª récita de assinatura, sobe à scena a comédia em 3 actos, do escritor italiano Veneviani, tradução de Mário Duarte

ANTEPASSADO

nos principais papéis os artistas:

Maria Pia, António Pinheiro,

Alice Ogando, Luis Pinto,

Albertina de Oliveira,

Ribeiro Lopes,

Emília Fernandes e Azeis.

Encenação do professor

ANTÓNIO PINHEIRO

Concerto da Sociedade Nacional de Música de Câmara

O concerto ontem realizado pela Sociedade Nacional de Música de Câmara teve como todos os outros um grande interesse. A qualidade dos executantes e do programa a executar era notória. Todos os interpretes são alguém no nosso meio musical e, quando os seus nomes apparecem em qualquer concerto, temos a certeza de que se trata duma sessão artistica com que todos têm a lucrar.

A sonata de Haendel foi talvez a página capital do concerto, embora nelle apparecesse a primeira audição dum trio de Beethoven. A sonata em ré de Haendel é bem uma obra desse admirável espirito que há de ficar nos anais da musica como um dos seus mais extraordinarios cultores. E, desta vez, a execução que lhe deu Tomás de Lima impressionou sobremaneira os ouvintes, porque o violinista não deixou na obscuridade uma só das suas belezas.

D. Fernanda da Câmara Reis, cantora distinta que até na escolha dos números é refinada, continuou a despertar o interesse que desperta sempre que se anuncia em qualquer recital.

O pianista Pietra Tórres executou Schumann, que me parece ser dos compositores da sua predilecção, predilecção que o sacrificia pela paixão que põe na interpretação. No trio de Beethoven, Pavia de Magalhães, Manuel Santos e Fernando Cabral estiveram muito à vontade. Só assim se pode executar Beethoven.

Os acompanhamentos por D. Mafalda Gomes e Jaime Silva bem feitos.

Nogueira de BRITO

Reclames

Esta noite inicia-se, no Ginásio, a época de verão, tendo sido a peça escolhida a engrandecidissima farça «O célebre Pina», no antigo teatro, obteve há cinco anos, um grandioso effeito, interrompendo-se a sua brilhantissima carreira em consequência do desaparecimento brusco daquelle casa de espectáculos. A peça tem, agora, a desempenhá-la muitos dos seus antigos interpretes primitivos, que o actor Carlos Santos conseguiu reunir, tendo sido contratados expressamente pelo empresário do Ginásio, o sr. Sebastião de Araújo. Assim, o actor Joaquim Prata retoma, na desolantissima farça, o papel de protagonista, sendo a seguinte a distribuição completa da peça: D. Bernardino, Maria Pinto; Berta, Isilda de Vasconcelos; Margarida, Leonilde Pereira; Branca, cocote, Carlota Sande; Joana e Elisa (crianças) Dulce Almeida; Pina, Joaquim Prata; Aleixo, Holbeche Bastos; Manolo, Pestana Amorim; Padão, Augusto Machado; Alforreca, Pedro Sampaio; Capião Pina, Canideira; José, criado, Artur Rodrigues; Tonio, contramestre, J. Pacheco. A peça será apresentada com o rigor que exige e com scenários novos, pintados por Campos & Oliveira. Os espectáculos de verão, no Ginásio, serão a preços reduzidos, estando, porisso, ao alcance de todos, que poderão affuir ao Ginásio, passando no lindo teatro, as mais divertidas noites de Lisboa.

—Estando restabelecido o actor Rafael Marques, já hoje pode voltar a representar-se no Apolo, a tragédia «Otel», em que a violenta parte do protagonista é interpretada por aquele artista. Rafael Marques tem, no cume do ciúme e paixão, estrangula a esposa, uma criação esplendida, que é, sem duvida, das mais completas e brilhantes da sua carreira artistica. E ainda para que nada falte no conjunto de tão atraente espectáculo, dá-se, também, o facto dos outros artistas que são: Palmira Tórres, Irene Gomes, Abílio Alves, Bramão e Calazans, nos principais papéis de maior destaque, interpretarem os seus personagens com todo o relevo e brilho. O «Otel» está apresentado com rigor, aparato e deslumbramento, e para que todos possam admirá-lo, os bilhetes são vendidos no Apolo por preços reduzidos, não havendo locação.

—Estando restabelecido o actor Rafael Marques, já hoje pode voltar a representar-se no Apolo, a tragédia «Otel», em que a violenta parte do protagonista é interpretada por aquele artista. Rafael Marques tem, no cume do ciúme e paixão, estrangula a esposa, uma criação esplendida, que é, sem duvida, das mais completas e brilhantes da sua carreira artistica. E ainda para que nada falte no conjunto de tão atraente espectáculo, dá-se, também, o facto dos outros artistas que são: Palmira Tórres, Irene Gomes, Abílio Alves, Bramão e Calazans, nos principais papéis de maior destaque, interpretarem os seus personagens com todo o relevo e brilho. O «Otel» está apresentado com rigor, aparato e deslumbramento, e para que todos possam admirá-lo, os bilhetes são vendidos no Apolo por preços reduzidos, não havendo locação.

—Estando restabelecido o actor Rafael Marques, já hoje pode voltar a representar-se no Apolo, a tragédia «Otel», em que a violenta parte do protagonista é interpretada por aquele artista. Rafael Marques tem, no cume do ciúme e paixão, estrangula a esposa, uma criação esplendida, que é, sem duvida, das mais completas e brilhantes da sua carreira artistica. E ainda para que nada falte no conjunto de tão atraente espectáculo, dá-se, também, o facto dos outros artistas que são: Palmira Tórres, Irene Gomes, Abílio Alves, Bramão e Calazans, nos principais papéis de maior destaque, interpretarem os seus personagens com todo o relevo e brilho. O «Otel» está apresentado com rigor, aparato e deslumbramento, e para que todos possam admirá-lo, os bilhetes são vendidos no Apolo por preços reduzidos, não havendo locação.

—Estando restabelecido o actor Rafael Marques, já hoje pode voltar a representar-se no Apolo, a tragédia «Otel», em que a violenta parte do protagonista é interpretada por aquele artista. Rafael Marques tem, no cume do ciúme e paixão, estrangula a esposa, uma criação esplendida, que é, sem duvida, das mais completas e brilhantes da sua carreira artistica. E ainda para que nada falte no conjunto de tão atraente espectáculo, dá-se, também, o facto dos outros artistas que são: Palmira Tórres, Irene Gomes, Abílio Alves, Bramão e Calazans, nos principais papéis de maior destaque, interpretarem os seus personagens com todo o relevo e brilho. O «Otel» está apresentado com rigor, aparato e deslumbramento, e para que todos possam admirá-lo, os bilhetes são vendidos no Apolo por preços reduzidos, não havendo locação.

Ocorrências diversas

Na Sala de Observações do Banco do Hospital de São José, deu entrada Raúl Vieira, de 34 anos, natural de Lisboa, jardineiro, residente na Quinta dos Apostolos, 25, que caiu de uma arvore no Campo dos Martires da Pátria, ficando muito contuso no ventre.

—No posto da Cruz Vermelha do Calvário, foi pensado e recolhido a casa, Constantino António, de 34 anos, natural e residente em Vila Franca de Xira, marítimo, que caiu a bordo de uma fragata, fundeado próximo de Pedrouços, ficando ferido no rosto e cabeça.

—Deu entrada na Sala de Observações Custódio Pereira da Silva Figueiredo, 49 anos, serralleiro, rua da Amendoeira, 5, 3.º D., que ali foi agredido por um seu hospede que lhe vibrou uma facada no lado direito do peito.

TEATRO AVENIDA

Telef. N.º 4356

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

ÚLTIMAS representações do PÃO DE LÓ com o FADO DO SOLDADO

S de Junho—Inauguração da Época do Verão com o «vaudeville» de E. Rodrigues, E. Bermudes e João Bastos.

O DR. DA MULA RUÇA

TEATRO APOLO

Emp. Ruas—Telef. N.º 4929

HOJE

A emocionante tragédia de Shakespeare

OTEL

Protagonista:

Rafael Marques

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Como são encarados no Pôrto os acontecimentos revolucionários

PORTO, 4.—Vamos: a população vai respirando um pouco mais satisfeita, isto é, aqueles pensamentos tetricos que ontem as notícias dos jornais lhe fizeram avolumar, vão-se desvanecendo pouco-a-pouco se novas surpresas não surgirem.

A constituição do ministério provisório foi acolhida com reserva, com desconfiança mesmo: impressionado o público com as terroristas entrevistas do Notícias fundamentalmente romantizador, que apresentaram os dois chefes da revolta militar como irreductíveis no desacôrdo—aquelle ministério não foi acreditado.

Como hoje os informos são confirmados, então já diminuíram os sobressaltos, sendo —do mal o menos, eis o que se diz— o tal governo provisório mais olhado com confiança: bem, já não é bem um governo furiosamente militarista...

A entrevista do tenente Pinto Correia, a que nos referimos ontem, foi bastante comentada, e em parte desfavoravelmente, não só pela opinião publica, como pela militar. O resolvido em contrario ás afirmações do dito tenente e do general Gomes da Costa, originou uma certa espécie. E como o Jornal de Notícias que as publicou em tom de letra redonda, soubesse disso, escreveu hoje, mais acereamente, entre outras coisas, o seguinte: «Se outros falharem e falteram — vá a culpa aos reus de mais faltas». «O general garantiu-nos que ficaria ali — no Entroncamento — que ali aguardaria a hora do cerco de Lisboa. E de repente tudo mudava. O «coup de theatre», por inesperado, desconcertou-nos».

E no entanto, diz ainda o mesmo o jornal: «e no entanto, essa entrevista reproduz perfeitamente o que nos disse o tenente Pinto Correia, o que nos afirmou o general Gomes da Costa. E tantas e tão graves coisas ouvimos que entendemos dever calar, para bem de todos, e para bem da pátria, muitas das afirmações que nos fizeram — e que outros jornalistas e que outros officiaes ouviram...»

Compreendem os leitores? Ora se isto foi alto, em todos os centros da cavalleiria civil e militares, das mais interessantes apreciações, mais ainda foram estas frases impressas pelo órgão da rua Elias Garcia: «O general não pode submeter-se aos politicos que rodeiam o Cabeçadas! Roubaram-no-lo, levaram-no para Sacavém para decapitar a Revolução!» E depois do filho do comandante Filomeno da Câmara ter proferido aquillo, o mesmo comandante, lendo os trechos da entrevista com o general Gomes da Costa, pronunciou: «O general!... O general!...»

Enquanto transparece de tudo o que fica apontado, que o general Gomes da Costa foi raptado pelo comandante Cabeçadas, fica-se ainda mais admirado com o que disse — se é que é verdade — Cabeçadas a respeito do rádio do general que denunciou o pacto de Coimbra: «esse rádio foi obra dos intrigantes que rodeiam o meu illustre camarada. O equívoco está decidido. Acima de tudo — a vida da República».

E as llações que muita gente tira do exposto, é que o general não foi raptado, como, pelo comandante Cabeçadas e pelos politicos que o rodeiam, mas é que estava sendo vítima dos intrigantes, os quais pretendem desvirtuar o carácter da Revolução, levando-a para uma tremendissima riverada...

Ou não será assim? Surpreza também causou, embora nisso haja um pouco de satisfação, o facto do tal tenente Pinto Correia justificar o insucesso das afirmações da sua famosa entrevista com o que vimos neste trecho: «Falou-se na República em perigo — no horror duma guerra civil — dizendo que a unidade se fez com o doloroso sacrificio dos pontos de vista de muitos officiaes, «para salvar o movimento»...

E quanto a guerra civil, também sensationou todos os commentadores a afirmação que fizera um official superior — a imprensa não diz o nome — «de que ontem caiu nos quartéis uma chuva de manifestos sindicallistas, incitando os «soldados-operários» — «operários-fardados» — a levantarem-se contra a ditadura burguesa militarista. Marchávamos para a guerra social! — se o movimento não centrasse, porque o «povo» já não quer ditaduras...»

Segundo os jornalistas, «depois que o general Gomes da Costa se encontrou com o comandante Cabeçadas», em Sacavém, «os jornalistas, até então considerados «colaboradores da Revolução» — os melhores colaboradores — foram tratados «como cães».

E' bom fazer-se um bom registro disto tudo... O governador civil... militar, capitão dr. sr. Herculano Jorge Ferreira, visitou, com outras autoridades, o casarão do Aljube. Achou-o imundo, infecto, indigno da civilização, mesmo militarista — considerando as prisões «um horror e impróprias para o fim a que se destinam».

Todos tem dito o mesmo — mas o que ainda ninguém foi capaz, foi de reformar aquelle antro, já que não têm coragem para o substituir por uma escola-cura. Já o sr. Herculano, já que está à frente do distrito mercê duma revolução feita para dignificar a nação, modificar os costumes, moralizar o espirito humano — transformar, de foud-e-comble, aquelle monumento de podridão moral e física?

O que, decerto,

AGENDA
CALENDARIO DE JUNHO

D.	6	13	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,13
T.	8	15	22	29	Desaparece às 19,58
Q.	9	16	23	30	FASE DA LUZ
Q.	10	17	24		1. C. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31.
S.	11	18	25		1. C. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31.
S.	12	19	26		1. C. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31.

MARES DE HOJE

Frajamar às 10,52 e às 11,24

Baixamar às 3,46 e às 4,22

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		
Madrid, cheque	2995	
Paris, cheque	602	
Suiza, cheque	3578,5	
Bruxelas, cheque	602	
New-York, cheque	19555	
Amsterdão, cheque	7587	
Itália, cheque	375	
Brasil, cheque	3000	
Praga, cheque	558	
Suécia, cheque	5823	
Austria, cheque	2577	
Berlim, cheque	4507	

ESPECTÁCULOS

Teatros
 Nacional—A's 21.—Elipson, o bom rapaz.
 São Juli—A's 21.—A Princesa dos Dollars.
 Cinemas—A's 21.—O célebre Pina.
 Politeama—A's 21.—Varietés.
 Fátima—A's 21.—Oiel.
 Trindade—A's 21.—O homem das 2 horas.
 Eden—A's 20,45 e 22,45.—Fos-Trot.
 Coliseu dos Recreios—A's 21.—Luta.
 Fátima—A's 21.—O Pão de Ló.
 Maria Vitória—A's 20,30 e 22,30.—Foot-Ball.
 Felto 303—A's 21.—Varietés.
 Joaquim de Almeida—A's 21.—Varietés.
 Cinema Elvencio (à Graça)—Espectáculos às 3,45.
 2.ª, sábados e domingos com cinema.
 Teatro Parque—Lendas as noites. Concertos e diversões.

Cinemas
 Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terrace—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Ternito—Cine Paris.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em fascículo, o decreto 3516, de 7 de Maio de 1937 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo, de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 450. Aos assinantes que desejem adquirir quantidade far-se-á um abastecimento de 50 p. cento em pacotes de 50 fascículos.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 5 horas.
 Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.
 Higiene, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
 Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às 5 horas.
 Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.
 Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
 Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.
 Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.
 Doenças das crianças—Dr. Emilio Paiva—2 horas.
 Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.
 Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 horas.
 Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
 Câncer e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
 Raio X—Dr. Alex Saldaña—4 horas.
 Análises—Dr. Gabriela Bento—4 horas.

Policlínica do Rato

PRAÇA DO BRASIL, 45, 1.º

TELEF. N. 1200

Dr. Júlio Gonçalves—Boca e dentes, às 10 horas.
 Dr. António Monteiro—Clínica geral, senhoras e crianças, às 11 horas.
 Dr. Lourenço Raimundo—Rins e vias urinárias, às 13 h 12.
 Dr. António Fernandes—Medicina geral e doenças nervosas, às 15 h 12.
 Dr. João Saraiva—Doenças dos olhos, às 15 h 12.
 Dr. João de Moraes Sarmiento—Ginecologia e operações, às 16 h.
 Dr. Raiva Saavedra—Pele, sífilis e pulmões, às 17 h.
 Dr. Tavares do Couto—Garganta, nariz e ouvidos, às 15 h 12.
 Análises clínicas, electroterapia, massagem e ginástica médica

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

LEILÃO

Em 7 de Junho p. f. e seguintes dias úteis, às 11 horas na estação desta Companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Público A. n.º 1 de Fevereiro de 1920, do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 9.º da Tarifa de despesas acessórias, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retirá-los, pagando o seu débito à Companhia, para o que terão de dirigir-se à Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias úteis até 5 de Junho p. f. das 10 às 17 horas.

O leilão realiza-se no Armazém situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da calçada de Santa Apolónia, de frente do graçamento.

Lisboa, 21 de Maio de 1926.—O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

6.º Aditamento à Tarifa de Despesas Acessórias

Modificação do Art. 7.º

A partir da publicação do presente, o período do Art. 7.º da Tarifa de Despesas Acessórias relativo a transferência de remessas entre cais da mesma estação, é modificado como segue:

«Estas transferências só são efectuadas mediante requisição feita na respectiva estação, quando delas não advenha inconveniente para a organização do serviço da mesma estação.»

Lisboa, 27 de Maio de 1926.—O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

FATOS completos e sobretudo

em bom cheviote, com bons forros e bom acabamento, para homem, desde

129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobretudo, feitos e por medida

batimentos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

LIMAS NACIONAIS

Só a grande loja de propagandas tem a maior loja de limas nacionais em Portugal. As limas nacionais são as melhores e mais seguras para a limpeza das superfícies metálicas. As limas nacionais são as melhores e mais seguras para a limpeza das superfícies metálicas.

As limas nacionais são as melhores e mais seguras para a limpeza das superfícies metálicas.

As limas nacionais são as melhores e mais seguras para a limpeza das superfícies metálicas.

As limas nacionais são as melhores e mais seguras para a limpeza das superfícies metálicas.

As limas nacionais são as melhores e mais seguras para a limpeza das superfícies metálicas.

As limas nacionais são as melhores e mais seguras para a limpeza das superfícies metálicas.

As limas nacionais são as melhores e mais seguras para a limpeza das superfícies metálicas.

FERRAGENS E FERRAMENTAS
CUTELARIAS E TALHERES
LOUÇA ESMALTADA
GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS
REDE E PREGARIA

Sortido completo em ferramentas para carpinteiros, marceneiros, serralheiros, etc., etc.

VIANA, REIS & NUNES, L.ª

31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33—LISBOA

Telefone C. 2890

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSÍVEL AOS RICOS

A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528
 Escritório e Garagem: Rua Almirante Barroso, 21

PAPELARIA
VIÚVA MARQUES
 (Viúva de Manuel da Costa Marques & C.ª, Limit.ª)

Variadíssimo sortimento de artigos para escritório

Telefone: C. 2676 Rua do Ouro, 36—Lisboa

E' bom beber mas... Sabendo o que se bebe Sabendo quanto se bebe

Procurai com confiança qualquer FILIAL da

Empresa Val do Rio J.º
 (RECONSTITUIDA)

VINHOS, AZEITES, VINAGRES OS MELHORES

PEDIDOS E RECLAMAÇÕES:
 RUA DOS FANQUEIROS, 150, 1.º
 Telefone 207 C.

Empresa de Trens de Aluguer da Graça

Rua de São Gens (à Graça)
 Telefone Norte 2042

Esta Empresa participa aos seus estimáveis clientes que, a partir do dia 1 de Abril, reduziu os seus preços, estabelecendo a tabela seguinte:

As duas primeiras horas 25\$00
 Cada hora a mais 10\$00
 Serviços de TEATRO, levar e buscar 15\$00

Serviços para fora de Lisboa preços convencionais.

MELINA
 É O MELHOR MATA FORMIGAS

A' venda em toda a parte

DEPÓSITO GERAL:
 Fernandes Almeida & C.ª, Limit.ª
 Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.º—Lisboa
 Telefone C. 2422

Agentes no Funchal
 ELMANO S. GOMES
 R. do Coronel Cunha, n.º 53

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$60. Pedidos à administração de A Batalha.

BOTAS
CALÇADO A PREÇO DE REVENDA

SECÇÃO DE CHAPELARIA
Tudo barato

Sapatos para senhora desde 45\$00
 Botas para homem em vitela preta desde 50\$00
 Botas para homem forma da moda cor ou preta 75\$00
 Sapatos verniz senhora a 60\$00
 Sapatos crepe celia última moda 5\$
 Botas crepe celia última moda 5\$

Grande quantidade e variedade de calçado de crianças.
 Grande stock de sandálias.
 Dá-se um brinde, a quem comprar nesta casa e apresente este anúncio.
 Ver os preços de sensação nas nossas montras.

SAPATARIA BRASIL
 206, Rua da Madalena, 212

A' VENDA a 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profundamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.
 A obra mais barata que no género se publica

DR. ARMANDO NARCISO
 Médico do Hospital de Santa Maria
 CLÍNICA NARCISO
 Consultório—Travessa Nova de S. Domingos, 1 (à Rua do Amparo)
 Residência—Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Luciano Cordeiro)

Renovação
 Revista Gráfica
 A 1 e 15 de cada mês
 Preço rec. 1,50

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresión capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que encontra à venda na nossa administração, é um relato histórico, documental e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros séculos da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1833, pelo correio, registado, 1,65.

Estão publicados os seguintes fascículos:
 1.º—La era de la esclavitud;
 2.º—La rebelión de Espartaco;
 3.º—Abolición de la esclavitud;
 4.º—Abolición y Servidumbre;
 5.º—La revolución de los siervos;
 6.º—La miseria de los agricultores;
 7.º—Transformación del Poder Feudal;
 8.º—El comunismo cristiano;
 9.º—Lomias serables en la Edad Media.

PEDRAS "METAL AUER"
 PARA ISQUEIROS
 VENDEM-SE NO LATA, DO LARGO DO CONDE BARÃO, 55
 Duzia \$40; 100, 2\$80; mil, 25\$00
 Pedra grande, duzia, \$80

Um livro interessante
 Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA, «IDEÁRIO», que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação
 Libertária — Tática — Evolução e Revolução — Violência — Libertad y Autoridad — Ensayo a Filosófico-literario — Ideas Iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Española — Homages Representativos — Trabajos Polémicos — Lecturas — Fragmento Inédito.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50
 Pedidos à administração de «A BATALHA»

Francês sem mestre
 por GONÇALVES PEREIRA
 Volume de 400 páginas 15\$00
 Pelo correio 16\$50.
 Pedidos à administração de «A Batalha»

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária
 Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.
 Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo
 Por Arkonof. Preço 1\$50.
 Pedidos à administração de A Batalha.

Lê a revista gráfica RENOVACAO

LA NOVELA SOCIAL
 LA REDENCIÓN DE PIERRROT

É o título do n.º 3 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.
 Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mairo Domingues, 6\$00.
 A' venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-maltusianas 5\$00
 O sentido em que somos anarquistas 3\$00
 A peste religiosa 4\$00
 A Liberdade 3\$50
 A Internacional (música e letra) 3\$00
 A' venda à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 83

"Educação Social"
 Revista de pedagogia e sociologia
 Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
 Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.ª—R. dos Retreiros, 125—LISBOA.
 A' venda na administração de «A Batalha».

LA NOVELA IDEAL
 Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada *Pigmalion*, de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

5-6-1936 OS MISTÉRIOS DO POVO N.º 727

alumado por uma serpentina de prata dourada com velas de cera perfumada.

Dum lado estava um altar com um Cristo de marfim, e do outro uma cama guarnecida por completo; um tapete turco lhe cobria o chão, uma portinha de veludo, então fechada, comunicava para um quarto vizinho.

Eram cerca de oito horas da noite quando Cornélia Mirant, que na véspera tinha sido feita prisioneira pelo marquês de Montbar, foi conduzida por ele ao oratório do duque de Anjou. Uma animação febril dava um singular colorido ao rosto da rapariga; brilhavam-lhe os olhos, deslumbra a sua beleza; um certo esmero tinha presidido ao seu penteado; em lugar dos fatos, que na luta tinham ficado em pedaços, tinha ela agora um vestido de brocado que lhe tinham dado.

Uma larga fita bordada lhe sustem e esconde a mão e conserva ao peito o braço direito; um dos cirurgiões do duque d'Anjou tinha-lhe curado cuidadosamente a ferida do ombro.

O sr. de Montbar tem apenas vinte anos, mas a sua vida desregrada tinha-lhe já enrugado o rosto juvenil. Ele tinha trocado o seu uniforme de guerra por uma casaca de cortejo; trazia os cabelos cuidadosamente frisados, brinco de orelhas guarnecidos de pedrarias preciosas, manto curto, calção justo e um barrete com uma linda fita de rubis.

O marquês acabava de introduzir Cornélia no oratório, dizendo-lhe:

—Minha bela huguenotesinha... tu estás no oratório do sr. duque d'Anjou, irmão do nosso amado rei Carlos IX.

—Parece um palácio de fadas! respondeu Cornélia, olhando em redor de si, e fingindo uma ingenua administração. Oh! que esplêndidas tapeçarias!... que ricas guarnições!... Creio que estou sonhando, meu senhor... É lá possível que o príncipe, um tão grande príncipe se digne baixar os olhos para uma pobre filha do povo, como eu!...

—Anda lá, rapariga, não baixes assim os olhos...

Sê sincera... tu sentir-te hias orgulhosa de ser, ainda que fosse por um dia, a... amante do irmão do rei de França!... Mas em que estás tu pensando?

—Senhor! tudo o que se passa aqui me parece um sonho... Não pode ser! vós estais zombando dum pobre rapariga como eu; o sr. duque d'Anjou não quer saber de mim para nada.

—Vais vê-lo daqui a pouco, e então verás se te enganei; ele deve estar a estas horas em conferência com frei Hervé, seu confessor.

Depois, voltando-se para a porta da tapeçaria, ainda fechada, o jovem fidalgo acrescentou:

—Sinto correr as cortinas e andar no quarto vizinho... é de certo o senhor duque.

Apenas o marquês acabava de dizer isto quando se levantou um reposteiro, dando passagem ao duque d'Anjou. O príncipe tem dezoito anos; a moleza, a afectação do seu andar, as feições efeminadas, o quer que seja de cruel, hipócrita e insidioso no sorriso e no olhar; dão-lhe uma aparência a um tempo sinistra e feminina.

O sr. de Montbar dá alguns passos para o duque d'Anjou e fala-lhe ao ouvido, apontando para Cornélia, que estremece, parecendo apertar mais contra o peito a mão direita, e observa o príncipe com horror e curiosidade. Scintilham-lhe os olhos, que ela logo baixa quando o duque d'Anjou olha lubricamente para ela. O duque, continuando a falar em voz baixa com o marquês, contempla a rapariga e diz ao favorito:

—Tens razão, meu amor... (1) esta rapariga é extraordinariamente bela... Agora deixa-nos sós... Talvez te torne a chamar.

O sr. de Montbar retirou-se. O duque d'Anjou, que tinha ficado só com Cornélia, dirigiu-se para a cama, estendeu-se indolentemente com a cabeça en-

costada nas almofadas, tirou da algibeira uma caixinha de ouro cheia de pastilhas, meteu uma na boca, mastigou-a, e, depois de pensar por um pouco, disse à noiva de Antonique:

—Anda cá, rapariga!...

Cornélia ergue os olhos ao céu com ar inspirado, empalidece levemente, humedece-se-lhe o olhar ainda há pouco scintilante, lendo-se-lhe no rosto a expressão dum sentimento desolador, enquanto ela murmura baixinho:

—Adeus, meu pai... adeus, Antonique... vai soar para mim a hora do sacrifício...

O duque d'Anjou, surpreendido pela imobilidade de Cornélia, cujas feições não pode distinguir, senta-se na cama e diz em tom de impaciência:

—Então não ouviste, rapariga?... Parece que és surda e muda!... Já te chamei... Vamos depressa!...

Cornélia, sem que o duque desse por esse movimento, solta o braço que trazia ao peito, aproxima-se lentamente da cama em que o duque d'Anjou se tornara a deitar fazendo-lhe sinal para que se deitasse também e dizendo:

—Vem cá, eu podia ter receio de que Deus me castigasse por tua causa, endiabrada herética, se frei Hervé me não tivesse prometido a absolvição para depois das nossas expansões amorosas!...

E o príncipe, levantando-se da cama, estende os braços abertos para Cornélia. Esta aproxima-se, curva-se um pouco, e, por um movimento mais rápido que o pensamento, agarra com a mão esquerda o duque pelos cabelos e tira dentre as pregas da fita que lhe prendia o braço uma pequena adaga com que atira uma estocada com toda a força ao coração do príncipe, bradando:

—Morre! carrasco dos meus irmãos!... Morre! coarde assassino de mulheres e de crianças!...

O duque d'Anjou usava, por baixo do casaco um colete de malha de aço tão finamente tecido e temperado, que, com a forte punhalada que Cornélia vibrou,

se lhe quebrou a adaga, ficando a rapariga estupefacta enquanto o príncipe começou a gritar com todas as forças:

—Socorro!... A mim!... Querem matar-me!... Socorro!...

A estes gritos, ao ruído da luta, o marquês de Montbar e muitos outros senhores do séquito real saem logo do quarto vizinho, onde costumavam estar, precipitam-se sobre Cornélia e agarram-na pelos pulsos, ao gasso que o príncipe atterrado, lívido, corre a ajoelhar-se diante do altar, balbuciando a custo, com tremor na voz:

—Senhor Deus todo poderoso! graças te sejam dadas por teres protegido o teu indigno servo!...

Depois, prostando-se quasi até beijar o chão, e batendo no peito, murmura:

—Meia culpa... meia culpa... meia máxima culpa!...

Enquanto o duque d'Anjou dá assim graças ao seu Deus por ter escapado ao punhal da corajosa protestante, esta sempre agarrada pelos senhores, que a cobrem de insultos e ameaças de morte, ergue ativamente a cabeça e olha para eles com desdenhoso silêncio.

O marquês de Montbar, julgando-se responsável pelos actos e gestos da huguenote, conduzida por ele até ao quarto do duque, desembainhou a espada e ia para ferir Cornélia quando o príncipe, erguendo-se do altar, lhe disse:

—Não, meu amor, não a mates!... eu não quero que ela morra ainda!...

O favorito tornou a meter a espada na bainha; o duque d'Anjou, pálido, enraivecido, foi sentar-se na cama, enxugou o rosto, lançou a rapariga um olhar implacável e disse-lhe:

—Com que então, minha bela, tu querias assassinar-me!...

—Sim! porque tu és um digno filho do infame Catarina de Médicis... um digno irmão do miserável

(1) No original está *mignon*, palavra que quer dizer mimoso; e, em sentido figurado, querido; mas, posta na boca daquele príncipe devasso, parece-nos interpretar melhor o pensamento do autor com esta tradução mais livre.



No Depósito Central de Fardamentos

Um formidável libelo contra o seu director

Com o pedido de publicação recebemos de um operário do Depósito Central de Fardamentos, cujo nome nos é vedado tornar público, a carta que, por ser de grande interesse público, a seguir inserimos:

Camarada Director de A Batalha.—Motivos vários impediram que traçassemos a biografia do actual director do Depósito Central de Fardamentos, tenente-coronel Alberto da Silveira Lemos. Hoje, porém, dispondo de vagar e dos elementos necessários vamos dissecar convenientemente as irregularidades desse director, desprovido de autoridade moral para dirigir um estabelecimento como é o Depósito Central de Fardamentos. Nesses termos entremos já no assunto.

Em 1920, deu-se por um desfalque de sóla e cabedais na 3.ª Divisão (oficina de calçado) de que foi chefe durante muitos anos. Foi levantado auto de corpo de delito para o que foi nomeado o sr. coronel Santana Leiria, tendo sido incriminado o sr. Lemos e um amanuense. Porém altas influências se moveram que, depois de muitas voltas, o homemzinho é desincriminado, afirmando com as culpas para cima do pobre amanuense, que foi pagar na Penitenciária de Lisboa, as falcas feitas pelo sr. Lemos.

Esse desfalque datava de ha muitos anos; porque, em determinado balanço, (1918, se não estou em erro) não acusam umas consideráveis faltas, (15.000 quilos de sóla) os quais lá mandando meter nas manufacturas; porque ele punha e dispunha daquilo como entendia, não admitindo sequer, que o próprio director lá metesse o nariz. Quando se deu pelo desfalque, tinha ele deixado de chefiar a divisão.

Entendeu-se sempre muito bem e hoje melhor ainda com Lino Teixeira de Carvalho, fornecedor encartado de sóla e cabedais, com quem faz contratos à porta fechada, sem concurso é claro, e ainda sem o conhecimento de todos os membros do Conselho administrativo; e mesmo que o tenham, estão todos de acordo, pois que ele escolhe só oficiais à sua imagem e semelhança.

A sóla e outros cabedais, entraram sempre sem verificação, e de tal forma, que, muitas vezes já estavam empregados em obra, quando o verificador assinava as guias.

Para comprovar os contratos à porta fechada, basta dizer-se que os Armazéns do Chiado lhe ofereceram 2 serviços em prata, pelo Natal de 1924, tendo custado o menos valioso, a módica quantia de 12.000\$00.

Comprou também o mesmo indivíduo à porta fechada, uma grande quantidade de alpercatas a 10\$00 a Silva & Filho de Coimbra, quando havia uma firma do Porto e outra de Lisboa, que as fornecia a 9\$00 pouco mais ou menos.

Criou ainda uma sucursal dos **Grandes Armazéns Grandela**, a que deu o gallico título de **Armazém de Fornecedor a Pronto Pagamento**, e que agora já crismou com outro nome **Secção Commercial**. Ali tem exposta à venda, uma variada quantidade de fazendas civis para homem e senhora, meias de seda, ligas, enfim tudo em grande quantidade.

"E tudo mais caro, mas muito desproporcionavelmente em comparação com o comércio particular, de modo que, apenas ali vão os oficiais pobres, porque não podem pagar a pronto, e ali é-lhes facultada a compra a prestações.

São pois roubados em toda a linha.

Desta forma, o Depósito saía da esfera de acção para que foi criado. Não tem cuidado de adquirir matérias primas para ter manufacturados em armazém artigos destinados a soldados, (que foi para isso que o Depósito foi criado) porque a célebre **Secção Commercial** absorve-lhe toda a sua atenção.

Pode dizer-se abertamente, que não dá lucros suficientes para pagamento do pessoal que nela faz serviço.

Em tudo o que se mete é um desastrado! Em 1919, foi nomeado, (coisa por ele preparada) para ir em missão a Londres, visitar fábricas, onde adquiriu umas máquinas e aparelhos destinados às oficinas de corte. Algumas nem chegaram a ser desencaxotadas, ao que parece; e as que o foram, não deram resultado algum.

No entanto saíram muitas libras do cofre e não foram poucas, para ocorrer a todas aquelas despesas!

No tempo da guerra, o Depósito trabalhava de dia e de noite, cumprindo cabalmente o seu dever, apesar de se ter dado o incêndio e ter de se alojar provisoriamente na Fábrica de Armas. Reconstruído o edifício para lá voltou, onde tem tido sempre todos os seus serviços.

Mas, o sr. Lemos, que é vaidoso por excelência, que quer deixar vincada a sua obra, que nunca pode ser boa porque é criatura que nunca praticou o bem, lembrou-se de adquirir por 500 contos, uns indecentes barracões situados no Rio Sêco (Belem) destinados, dizia ele, para instalação da oficina de Calçado. Para a sua adaptação gastam-se acima de 2.000 contos.

Mas, apesar de aquilo não ter condições nenhuma para qualquer dependência do Depósito, lá porque fica muito distante do Caminho de Ferro, lá porque distante fica da sede, e ainda pela causa principal, o **esbanjamento de dinheiros públicos** que ali se vão gastar, ordenou imediatamente a transferência da 4.ª Divisão (que trata das expedições de artigos para os regimentos), com o fim único—entendam bem—de separar o pessoal, que ele percebe muito bem que o não pode ver nem nunca o viu com bons olhos, porque muito bem sabe que tem ali um ser irredutível inimigo; sempre um obstáculo às suas reivindicações, como ainda agora se manifestou no projecto de reforma.

Para ir de encontro ao contra-projecto que está pendente do parlamento, forjou encapotadamente, confidencialmente, umas alterações ao regulamento actual do Depósito, essa monstruosidade sem nome que é o célebre decreto n.º 11.605 em que se ex.º o ministro da guerra se deixou empalmar pelo sr. Lemos, na pessoa do pobre diabo que é o coronel Schiapa de Azevedo.

Por esse decreto-monstro, o pessoal fica em condições tais que o sr. Lemos fica com latitude para demitir, simplesmente por seu arbitrio, todo e qualquer empregado.

E' uma perfeita iniquição!

Além disso aumenta as despesas duma forma assombrosa! Pois só oficiais são 23, sendo superiores 6. E' uma questão de uns 30 contos mensais.

Em 1914, sendo capitão chefe da 3.ª oficina de calçado, atraiu a sua própria casa, na rua Heliodoro Salgado, onde então habitava, a aprendiz da mesma oficina Maria do Rosário Simões, e ali aproveitando a ausência da esposa a estupro.

Encontra-se essa aprendizagem ainda hoje no Depósito, como costureira de alfaiate onde tem o n.º 417, tendo sido sua amante até há poucos anos ainda, e não sei se actualmente continua a sê-lo.

Não é para estranhar, por isso, com um estímulo de tal natureza, que certo capitão, que desempenhou o cargo de tesoureiro e gerente da Quinta dos Marchais, também pertença do Depósito, onde praticou irregularidades, de que o sr. Lemos teve conhecimento, ainda se encontra ali, porque ele não tem força moral para correr com ele, a-pesar de haver dito que o fazia; que certo tenente, passe os dias em alegre convívio com certa costureira, servindo de caixeira nos **grandes armazéns**; pratiquem celeres nos **grandes armazéns**; pratiquem celeres repugnantes a todo o pessoal, nomeadamente a de se embriagar constantemente, etc., etc., que um outro meta as amantes no Depósito, quando está de serviço, etc., etc.

O sr. Lemos é supinamente malcriado, pois trata o pessoal dum forma agressiva, usando de frases só próprias de das vielas, o que succede ainda não há muito tempo com o amanuense Costa.

Inclusive os oficiais são por ele tratados como cães; invadindo-lhes as atribuições. Emfim, é ele e só ele quem manda, mas exige que os outros assumam a responsabilidade pelos serviços que lhes estão confiados, e bem assim das informações que lhes manda prestar acerca dos empregados, para que os ódios não vão para ele.

Quando foi chefe da oficina de calçado, convidou para fins desonestos as ajudantes Georgina e Isaura e as aprendizas Maria José Dias, Brites e Brazão. Todas estas ainda estão hoje ao serviço do depósito.

O fiel da caixa Sacramento meteu na algebrilha, julgando que eram dele, uns 2.000\$00, pouco mais ou menos. O tesoureiro tentou averiguar; até hoje, nem suspenso foi sequer porque faz parte dos seus adúlteros.

O ministro da Guerra transacta sabia tudo isto, e não ligou importância alguma. O que provado está é que é da mesma força. — Um operário do Depósito Central de Fardamentos.

Convocação

Fica convocada a Assembleia Geral da Cooperativa Lisboense de Chateaux para o dia 22 de Junho, pelas 21 horas, na sede da Associação do Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos, rua da Madalena, 91, 2.º

- ORDEN DOS TRABALHOS**
- 1.º—Propostas da Direcção.
 - 2.º—Admissão de novos sócios conforme o disposto no artigo 7.º dos Estatutos.
 - 3.º—Propostas pendentes da última Assembleia.
 - 4.º—Aquisição de garage.

Pela Mesa da Assembleia Geral, O Presidente, João Cardoso da Silva Araújo.

Os que transgridem o horário de trabalho

Numa obra da rua Buenos Aires, estavam ontem alguns operários trabalhando depois da hora regulamentar. O fiscal do horário de trabalho José Bernardo, delegado da Secção Profissional dos Pintores, em virtude da transgressão e por não ter sido atendido, dirigiu-se à esquadra da Lapa onde reclamou providências, ao abrigo da lei sobre horário de trabalho. Na referida esquadra não só se recusaram a atender o reclamante como até o ameaçaram de prisão. Destacou-se nessa ameaça um cabo, cujo número ignora.

O fiscal José Bernardo, que ontem esteve nesta redacção a reclamar contra o insolito procedimento da polícia, disse-nos que teve que desistir dos seus propósitos para não ir para a prisão, enquanto os contraventores do horário de trabalho prosseguiam na sua triste obra.

O fiscal José Bernardo, que ontem esteve nesta redacção a reclamar contra o insolito procedimento da polícia, disse-nos que teve que desistir dos seus propósitos para não ir para a prisão, enquanto os contraventores do horário de trabalho prosseguiam na sua triste obra.

Uma prevenção aos tipógrafos

Pede-nos um grupo de tipógrafos do jornal *A Capital* para que por intermédio do nosso jornal façamos constar que eles abandonaram o trabalho na 2.ª feira em virtude do proprietário daquele jornal não lhes ter pago o resto da fêria naquele dia conforme lhes prometera. Dizem ainda que assim procederam porque o caso se vinha repetindo frequentemente. No dia seguinte àquele em que abandonaram o trabalho, procuraram o seu patrão para lhes pagar o que lhes devia e ele pretendeu pô-los violentamente na rua tendo para isso requisitado 9 polícias que compareceram e cumpriram a ordem mas só depois de serem saldados as contas.

A Direcção da Associação dos Compositores Tipográficos avisa os componentes da sua classe, que porventura sejam convidados a trabalhar no jornal *A Capital*, de que se ali poderão trabalhar desde que lhes seja pago o salário de 24\$00 diários conforme está estabelecido na Organização do Trabalho.

EM ALQUEIDÃO

Um padre das peregrinações de Fátima que atenta impune-mente contra o pudor das raparigas, na sacristia da igreja

TORRES NOVAS, 27. (Atrasado).—Quasi todos os dias chegam ao nosso conhecimento inúmeros crimes praticados pelos empresários da torpe mistificação de Fátima.

Acabámos de narrar no numero 2.295 de *A Batalha* a infame extorsão de que foi vítima uma pobre mulher do vizinho lugar de Zibreira, por dois apóstolos de Fátima, e acaba de chegar igualmente ao nosso conhecimento que o padre de Alqueidão, freguesia do Pedrogão deste concelho, de nome Joaquim Mourão, é uzeiro e vezeiro em abusar do pudor de raparigas que têm a infelicidade de lhe cair nas garras.

Para melhor podermos elucidar os nossos leitores sobre a obra nefasta deste ministro de Deus, procurámos alguém da citada localidade que sobre o assunto nos informasse devidamente, até que, finalmente, na pretérita segunda-feira encontramos alguém das nossas relações, da referida localidade.

Ao encetarmos conversa nós inquirimos imediatamente do que havia por lá com o padre Mourão.

As criaturas que conosco conversaram começaram, um tanto cautelosamente, por nos dizerem que o padre tem tido relações amorosas com varias raparigas da localidade, dizendo-nos não ser já a primeira nem a segunda com quem o padre Mourão tem tido relações sexuais.

Afirmaram as criaturas que conosco conversavam e dum forma categorica sem incoerentemente verdadeiras as suas declarações, chegando até a falar no nome dum das raparigas estupidadas pelo padre.

Quando, e com certa perspicácia, penetrámos verdadeiramente no assunto, os nossos interlocutores mostraram um certo receio em dizer toda a verdade, alegando que o padre Mourão, dispondo na freguesia dum forte influencia, acariaria os fanáticos da localidade contra eles por virem dizer cá para fora as canalhices que o padre tem cometido.

Como essas criaturas fôsem um pouco religiosas nós não quizemos insistir mais com elas, esperando que alguém apareça que melhor nos saiba informar dum forma clara e desasomburada das proezas do padre Mourão.

Ainda conseguimos, com certo custo—tal é o receio das iras do tónsurado—que eles nos informassem que não há muito o padre Joaquim Mourão foi encontrado na sacristia praticando actos pouco dignos com uma rapariga dum aldeia vizinha chamada Dofreire e que o povo ao ter conhecimento do caso a correu a ela a pedra sem tirar pouco lucro no mascarrão.

Já por aqui os nossos leitores vêem o estado de azo em que se encontra aquela pobre gente, que se limita a apagar os efeitos sem primeiramente suprimir as causas—que são nem mais nem menos a acção vampírica do padre Joaquim Mourão.

Contraram-nos ainda que num dos últimos dias o padre mandou uma sua irmã apascentar uma ou duas cabras que tem, e como está em vez de acatar as ordens do irmão fôse, apanhar rosas para ornamentar o altar da Virgem—o padre exasperado com o desrespeito das suas ordens foi ao altar refreir todas as flores que a irmã momentos antes lá tinha posto e foi deitá-las numa manjedoura dum mui que possui.

Tal é, a breves traços, o esboço moral deste ministro de Deus e «apóstolo» de Fátima.

O mais revoltante é o procedimento deste povo que, em vez de demascarar este tartufo, o encobre e o acarinha para honra e glória de Deus e mais da Santa Igreja Católica e Apostólica Romana.

O povo está ainda fanatizado e com os olhos tão fechados que, como os que conosco conversaram, não tem a força moral para pôr a nu o estófo moral do padre Joaquim Mourão. Oxalá, pois, que a cegueira do povo desapareça bem depressa e que ele vá preparando o azorrague com que há de vergastar todos os criminosos da abominável seita negra.

Secção Telegráfica

Federações

CONSTRUÇÃO CIVIL

Associação dos Trabalhadores Rurais de Aldega.—Adiem a festa para o dia 13. Nesse dia podem contar com 3 camaradas.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Associação Rural de Borba.—Pedimos para responder ao nosso officio de 11 de Maio p. p.

Núcleo de Gouveia.—Respondam ao nosso officio. Seguinte carimbo.

Núcleo de Silves, Faro e Portimão.—Seguam as vossas fotografias.

Secção Federal do Norte.—Seguinte officio.

Núcleo de Portimão.—Idem.

SECRETARIADO DE ASSISTENCIA JURIDICA E SOLIDARIEDADE

Texteis da Covilhã.—Informem com urgência quando é o julgamento de José Pinto e se receberem officio referente ao subsidio do mesmo camarada.

Mineiros de São Domingos.—Sobre o caso Via-Gloria já officiámos para o vosso sindicato. Informem se receberem officio elucidativo sobre o caso do camarada Pastor.

Cadeia do Limoeiro.—Carrascão.—Fôste desproporcionado do processo movido por atentado a F. A.

Filipe da Costa.—Falta uma deprecada de uma testemunha de fora.

U. S. O. de Évora.—Seguem os exemplares de *A Voz do Carcere*.

Almada.—Alfredo Gomes.—Advogado informa amanhã.

Monsanto.—Joaquim Pais Júnior.—Temos que esperar em virtude do movimento revolucionário.

Fronteira.—Presos.—O julgamento é no dia 11 do corrente. O advogado segue no dia 10.

ASSINEM Os mistérios do Povo

NA PROVINCIA DE ANGOLA

O Congresso de Medicina Tropical serviu apenas para Norton de Matos desviar dos cofres do Estado uma fabulosa quantia

O Congresso de Medicina Tropical, que em Loanda teve lugar em Junho de 1923, foi um excelente e eficaz meio de que Norton de Matos se valeu para fazer a **propaganda da colónia**, retirando dos cofres importâncias fabulosas para custear as despesas com o «1.º Congresso de Medicina Tropical da Africa Ocidental Portuguesa».

Isto é importante! Só isto superabundou para dizer ao mundo inteiro que Angola existia, era portuguesa e progredia, estando pronta a marchar na vanguarda de todas as possessões coloniais dos países estrangeiros.

Era um general que estava em Angola; mas não um general, um militar qualquer — era o general Norton, o ex-ministro da Guerra, o **valente soldado, o patriota por excelência!** Como a «Fénix», Angola surgiu das próprias cinzas.

Em tão pouco tempo o grau de civilização que atingiu foi tão considerável, era tão potente o impulso de progresso que em pouco mais dum ano Angola conseguiu realizar o que nem projectado vira durante séculos em que lhe faltou a **energia e sabedoria** dum tal dirigente! Angola estava preparada para realizar um Congresso de Medicina Tropical!

Mas porque confessou Norton de Matos, ao público, que ao dr. Damas Moura fora devida a iniciativa do Congresso?

Escreveu-o, publicou-o e não o pode negar.

Compreendemos. Norton, orgulhoso, vaidoso e egoísta como é, nem a seu próprio pai era capaz de dar uma honra que lhe fosse possível atribuir a si próprio. Mas convinha-lhe **dividir responsabilidades**; assim se explica o «Quando o Senhor Doutor Damas Moura teve perante mim a ideia...».

O Congresso não passou dum meio pelo qual se contribuiu para que Angola acabasse de descer à categoria de mendiga.

Muito se gozou e passou à custa dalguns milhares de contos destinados ao custeamento de todas as despesas com a douda reindia!

E podia-se gozar bem, que o crédito aberto chegava para tudo; e caso não fosse suficiente, poder-se-ia recorrer a **créditos suplementares**.

Digamos algumas verdades, para os leitores ajuizarem.

Estamos, pois, acompanhando médicos, familiares, criadas e bagagens da Índia para Loanda, e daqui a precedência, passando, como estadia, por Berlin, Paris, etc., custeando Angola, todos os gastos feitos na

Embarcou ontem às 15,44 em comboio especial até ao Cabo da Boa Esperança, Vítor Hugo de Azevedo Coutinho que aqui exerceu durante quasi três anos, o lugar de Ato Comissário.

Do seu governo de ineptia há sómente a destacar a longa estrada de sangue e de violências que lhe proprio criou devido a não se querer retirar quando a população reclamava a sua exoneração.

Não diremos que Azevedo Coutinho teve uma despedida frouxa e fria mas diremos que teve uma despedida sem precedentes na história.

A's 15 horas, já a eslação se achava rodeada de polícia civil e secreta, não sendo permitida a entrada na gare a indivíduos que não fossem funcionários ou comerciantes.

A guarda de honra, feita por uma companhia indígena, tomou a frente do salão onde viajava, formando desde a locomotiva até ao último veículo.

À frente do salão destacava-se uma carruagem destinada a polícia secreta que uns dizem acompanhá-lo até ao Cabo e que outros dizem ser só até Ressaona Garcia. Sei contudo que ela foi literalmente cheia de desleais agentes e bem assim o comboio do correio que tinha partido de Lourenço Marques às 14 e 54.

A via encontrava-se guardada pela polícia até ao K. 3 e pelos pretos e capatazes de via, e daí por diante até Ressaona Garcia.

Poder-se hiam contar 400 pessoas que foram assistir à partida mas se isso pode ser levado em linha de conta das amizades de Azevedo Coutinho, temos que a maioria que nós conhecemos, foi ali levado pelo espirito curioso de ver a grande despedida.

A's 15,30, é dado o sinal de prevenção e ouve-se o estralar de estes conhecidos estalos da Índia que à primeira impressão pareceram tiros de pistola.

A população fica impassível e não arredou pé, vendo-se daí a segundos três indivíduos presos creio por serem os autores de tal manifestação.

Dada a partida, são apresentadas armas e a população fica impassível esperando o deslizar do comboio e preparada para ripostar aos vivos se acaso eles fossem dados.

Nem um só viva, nem uma só palavra de saúda, até pelos proprios amigos pessoais.

Vítor Hugo de Azevedo Coutinho, não teve ânimo para dar um viva à sua República ou à Província de Moçambique que durante tanto tempo explorou.

E' que os criminosos, conhecendo de antemão a sua atitude nefasta, têm receio de se expor às vaias populares e assim Azevedo Coutinho fez bem em se calar e em não se deixar ver dentro do Salão que o leva até ao Cabo.

Pela linha fora, não houve alma que lhe puzesse os olhos em cima, tal as instruções de recato a que se obrigou e que bem tristemente se viu para quem disse em Conselho Legislativo que espera voltar.

Azevedo Coutinho, fugido de Lourenço Marques debaixo da protecção da força militar e policial, não pensará voltar mas se assim acontecer, compete à metrópole indagar das causas que poderão advir da

mar e na terra. Depois os médicos estrangeiros—suas viagens de ida e regresso em Loanda, hotéis, automóveis, jantares, passeios, etc.

Muito bem! Estava Angola em condições de levar a cabo uma tal obra?

Também dizemos que sim, mas perguntemos: o que resultou de útil para a colónia da realização do Congresso?

Absolutamente nada; e esta afirmação categorica que sustentamos é filha da autoridade que nos garante o conhecimento directo que temos do quanto foi inútil e prejudicial para a província o Congresso de Medicina Tropical.

Quais, das medidas tomadas, foram postas em prática? Como podiam ser postos em prática os **processos práticos da hospitalização e assistência aos indígenas**, do professor dr. Alberto Carlos Germano da Silva Correia, se Norton de Matos não deixou nos cofres de Angola dinheiro para construir uma enfermaria-sanzala? Como pôr em prática os planos dos professores Carlos França e Aires Kapek, se o dinheiro para custear o indispensável com as missões de estudo e combate à hipnose, um dos mais terríveis flagelos das populações africanas, foi **tudo arrastado pela impetuosa corrente do Zaire?**

Os grandes planos de saneamento cifram-se em 0, para que maior valor fosse possivel ter-se à disposição de desejos de sanear em **provento próprio**.

De todas as medidas tomadas no congresso nenhuma se pôs em prática. Desgraciadamente nem se tratava de permear com o estrangeiro as informações sanitárias. Desde 1918 que a província não dava conta do seu estado demográfico-sanitário!

Só muito depois do Congresso é que o dr. Salgado Junior, ao tomar conta da chefia dos Serviços de Saúde, dispensou aos serviços estatísticos a protecção que requeriam.

Tivemos a nosso cargo a estatística dos Serviços de Saúde da província elaborando-a referente a anos em atraso e correntes. Confeccionados os volumes, a sua publicação **acarretava dispendio demasiado!**

Alí fica descrito, resumidamente, o que foi o Congresso. Assistimos, trabalhamos, e não pouco, para essa obra inútil.

E a um dactilógrafo, um pobre preto que esteve, de noite, durante um mês, a escrever uns originais à máquina, meteram-lhe na mão 150\$000!

A mais descarada das prostitutas teria receio e talvez repugnância dum tal acção!

Correia de SOUSA

O Alto Comissário de Moçambique abandonou Lourenço Marques guardado cautelosamente por espingardas de pretos e de brancos

Embarcou ontem às 15,44 em comboio especial até ao Cabo da Boa Esperança, Vítor Hugo de Azevedo Coutinho que aqui exerceu durante quasi três anos, o lugar de Ato Comissário.

Do seu governo de ineptia há sómente a destacar a longa estrada de sangue e de violências que lhe proprio criou devido a não se querer retirar quando a população reclamava a sua exoneração.

Não diremos que Azevedo Coutinho teve uma despedida frouxa e fria mas diremos que teve uma despedida sem precedentes na história.

A's 15 horas, já a eslação se achava rodeada de polícia civil e secreta, não sendo permitida a entrada na gare a indivíduos que não fossem funcionários ou comerciantes.

A guarda de honra, feita por uma companhia indígena, tomou a frente do salão onde viajava, formando desde a locomotiva até ao último veículo.

À frente do salão destacava-se uma carruagem destinada a polícia secreta que uns dizem acompanhá-lo até ao Cabo e que outros dizem ser só até Ressaona Garcia. Sei contudo que ela foi literalmente cheia de desleais agentes e bem assim o comboio do correio que tinha partido de Lourenço Marques às 14 e 54.

A via encontrava-se guardada pela polícia até ao K. 3 e pelos pretos e capatazes de via, e daí por diante até Ressaona Garcia.

Poder-se hiam contar 400 pessoas que foram assistir à partida mas se isso pode ser levado em linha de conta das amizades de Azevedo Coutinho, temos que a maioria que nós conhecemos, foi ali levado pelo espirito curioso de ver a grande despedida.

A's 15,30, é dado o sinal de prevenção e ouve-se o estralar de estes conhecidos estalos da Índia que à primeira impressão pareceram tiros de pistola.

A população fica impassível e não arredou pé, vendo-se daí a segundos três indivíduos presos creio por serem os autores de tal manifestação.

Dada a partida, são apresentadas armas e a população fica impassível esperando o deslizar do comboio e preparada para ripostar aos vivos se acaso eles fossem dados.

Nem um só viva, nem uma só palavra de saúda, até pelos proprios amigos pessoais.

Vítor Hugo de Azevedo Coutinho, não teve ânimo para dar um viva à sua República ou à Província de Moçambique que durante tanto tempo explorou.

E' que os criminosos, conhecendo de antemão a sua atitude nefasta, têm receio de se expor às vaias populares e assim Azevedo Coutinho fez bem em se calar e em não se deixar ver dentro do Salão que o leva até ao Cabo.

Pela linha fora, não houve alma que lhe puzesse os olhos em cima, tal as instruções de recato a que se obrigou e que bem tristemente se viu para quem disse em Conselho Legislativo que espera voltar.

Azevedo Coutinho, fugido de Lourenço Marques debaixo da protecção da força militar e policial, não pensará voltar mas se assim acontecer, compete à metrópole indagar das causas que poderão advir da

Uma defesa estranhável

Não compreendemos a razão por que *A Tarde* de ontem se mostrou tão exasperada com a demissão dos srs. Pinto Teixeira e Plínio da Silva dos lugares de administrador geral dos C. F. E. e de director do Sul e Sueste. Aqueles senhores, sem quererem discutir os erros que cometeram e as reclamações que suscitaram devido à maneira como dirigiram os serviços e organizaram os horários dos comboios, deram inúmeras vezes motivo às reclamações energicas do público — do público de todas as nuances politicas e situações sociais. Foram lá colocados pelo favor politico dos homens que a revolução apoeu. Além disso, exerceram uma politica afrontosa de perseguições ao pessoal, vexando-o e descontentando-o, pelo mais inferior e rancoroso dos acintos.

Porque os defende *A Tarde*? Por achar bem que os Caminhos de Ferro do Estado continuem no descalabro ou por entender que os ferroviários devam ser esmagados nos seus direitos e afrontados na sua dignidade? Se fôsse certo politico há tempo privado da sua liberdade ainda compreenderíamos a defesa lamartiniana daquelle jornal...

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

S. U. da Construção Civil